

**DINAH SILVEIRA DE QUEIROZ, COLABORADORA DO CORREIO
BRAZILIENSE (1976-1982): APONTAMENTOS INICIAIS****DINAH SILVEIRA DE QUEIROZ, A CORREIO BRAZILIENSE'S
COLLABORATOR (1976-1982): INITIAL NOTES**Luciano de Jesus Gonçalves¹

Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira, da
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) Universidade de
São Paulo (USP).

luciano.jesus@ifto.edu.br<http://lattes.cnpq.br/0505415680205025><https://orcid.org/0000-0003-1813-9003>

Resumo: O artigo apresenta os apontamentos iniciais do projeto de pesquisa que mapeia a circulação intelectual de Dinah Silveira de Queiroz (1911-1982) no *Jornal Correio Braziliense*. De modo específico, a realização foca a coluna “Recado”, mantida pela escritora no periódico entre 1976 e 1982. Panorama privilegiado do que acontecia em Brasília; resumo de interesses da presidência de Ernesto Geisel (1907-1996); panfleto da campanha de João Figueiredo (1918-1999); vitrine social, cultural e literária; comentário sobre as artes, a literatura, em especial; discussões geopolíticas; e, avaliações a respeito da diplomacia mundial, a coluna “Recado” consagra a relação de Dinah com a crônica. Pelo paralelo biográfico, as publicações acompanham os últimos anos de vida da escritora, bem como suas aspirações, sonhos, angústias, defesas públicas e pessoais. Como o passo seguinte do projeto, o tratamento dessa produção intelectual, objetiva o estabelecimento seguido da construção de notas, leituras analíticas e, por fim, a publicização dos textos éditos e dos resultados obtidos.

Palavras-chave: História intelectual. Jornal e literatura. Literatura brasileira. Coluna “Recado”. Crônica.

Abstract: The article presents the initial notes of the research project that maps the intellectual circulation of Dinah Silveira de Queiroz (1911-1982) in the *Jornal Correio Braziliense*. Specifically, the film focuses on the “Message” column, maintained by the writer in the periodical between 1976 and 1982. A privileged overview of what was happening in Brasília; summary of interests during the presidency of Ernesto Geisel (1907-1996); campaign pamphlet by João Figueiredo (1918-1999); social, cultural and literary showcase; commentary on the arts, literature in particular; geopolitical discussions; and assessments

¹ Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), Universidade de São Paulo (USP). Professor do Instituto Federal do Tocantins (IFTO). Membro do Grupo de Pesquisas Estudos de Narratividades, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), coordenado pelo professor doutor André Rezende Benatti e cadastrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0505415680205025>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1813-9003>. E-mail: luciano.jesus@ifto.edu.br.

Building the way

regarding world diplomacy, the “Message” column enshrines Dinah’s relationship with the chronicle. Through the biographical parallel, the publications follow the last years of the writer’s life, as well as her aspirations, dreams, anxieties, public and personal defenses. As the next step of the project, the treatment of this intellectual production aims to establish, followed by the construction of notes, analytical readings and, finally, the publication of published texts and the results obtained.

Keywords: Intellectual history. Newspaper and literature. Brazilian literature; “Recado” column. Chronicle.

Dinah Silveira de Queiroz, “operária das letras”

Em mais de uma oportunidade, a escritora Dinah Silveira de Queiroz² lamentou o caráter édito de sua crônica (publicada em jornal, mas inédita em livro), especialmente aquela veiculada no *Jornal Correio Braziliense*. Em uma dessas observações, Dinah chega a falar em “cem volumes”, estimativa concreta, afinal de contas, ao longo de uma década, sua presença e colaboração no veículo jornalístico são quase diárias. A parte mais significativa dessa produção encontra-se alocada entre as seções do periódico, em uma coluna intitulada “Recado”, onde a cronista mantém o diálogo com seus leitores ou, como prefere em alguns momentos, “seguidores”.

Elementos raros numa trajetória marcada pela diplomacia, é verdade, a fúria e a verve maldosa eram capazes de desancar um adversário, como na polêmica em que Dinah enfrentou Plínio Marcos, por um lado; ou desagrar gentilmente e carinhosamente aos amigos, seja quando resenhava suas obras, a exemplo de Fausto Cunha (1924-2004) e Nataniel Dantas (1926-?), seja oferecendo-os ao poder público em cargos e funções, como fazia com Samuel Rawet (1936-1984), protegido de longa data, por outro lado. Múltipla e diversa, a circulação intelectual de Dinah não se limitou ao espaço específico da coluna, mas ao jornalístico como um todo, em contribuições escritas distintas: abrindo espaço para jovens escritores; elogiando literatos já estabelecidos; na presença

² Alguns autores grafam “Queirós” (Meneses, 1978, p. 555, por exemplo); ou “Queiróz”, com acento agudo. Adoto o “Queiroz”, com Z e sem o acento, destacando a origem portuguesa do nome. A propósito de Meneses (1978), seus dados parecem condensar as informações de Perez (1960;1970).

Building the way

ostensiva nas colunas sociais (onde a fama de anfitriã perfeita também se solidificou); nas notinhas e *spoilers* sobre publicações futuras e nos ensaios, próprios ou de seus asseclas, que defendiam algum interesse mais particular da escritora, a exemplo da sua entrada na Academia Brasileira de Letras (ABL).

A coluna é materialização privilegiada do conceito de “operária das letras”, como Dinah se definia e fazia questão de registrar. No avesso desse cenário, senhora distinta e simpática, a escritora neutralizava o surgimento dos *haters*, aproveitando a licença poética, e seguia firme o propósito de imortalizar o próprio nome.

Bastidores da redação: objetivos, cronograma e métodos

A pesquisa “Dinah Silveira de Queiroz, colaboradora do *Correio Braziliense* (1976-1982)” possui como objetivo geral o mapeamento da colaboração intelectual e escrita de Dinah Silveira de Queiroz junto ao jornal *Correio Braziliense* entre as décadas de 1970 e 1980. O hiato estabelecido cobre a mudança da escritora para a cidade de Brasília, a estadia em Lisboa, os retornos ao Brasil e, em seguida, seu falecimento.

Como objetivos, pretende-se, primeiro, recolher textos de Dinah Silveira de Queiroz publicados no *Correio Braziliense*, especialmente as crônicas da coluna “Recado”, veiculadas entre os anos 1976 e 1982. Em seguida, estabelecer a produção escrita, cronística e éditada da escritora disposta no acervo digital do jornal. A partir desse ponto, organizar ensaios, escritos diversos e a crônica da coluna “Recado”. E, por fim, publicar a produção escrita, cronística e em suportes como livros, artigos e antologias físicas e/ou virtuais.

Prevista para três anos, a metodologia do projeto contempla passos distintos. As ações serão concentradas em redação final do projeto, convite a possíveis colaboradores, cadastro da ação na instituição de origem do coordenador e dos colaboradores externos, definição de descritores e início das pesquisas documentais em acervos digitais, elaboração de tabelas e levantamentos das ocorrências, visita ao acervo de Dinah Silveira de Queiroz na ABL, organização dos dados encontrados no acervo, leitura, tratamento e estudos críticos das crônicas encontradas, divulgação dos resultados

Building the way

preliminares, publicações de bancos de dados, catálogos, levantamentos, artigos e/ou livros, e, por último, a elaboração, apresentação e entrega do relatório final.

Pontos de partida: contextos históricos e teóricos

181

Uma crônica é como uma bala, doce, alegre, dissolve-se rápido. Mas açúcar vicia, dizem. *Crônica* vem de *Cronos*, Deus devorador. Nada lhe escapa. Quando se busca a bala, resta, quando muito, o papel no chão, descartado. A crônica-bala, sem pretensões nutritivas, nunca foi artigo de primeira necessidade. Só aos alfabetizados se permite esse luxo suplementar. Traz prazer, fugaz, talvez perigoso. Ao desembrolhá-la, - pum! -, um estalo. *Cronos* é implacável. Até a gula acaba devorada (Cardoso, 1992, p. 142).

Lúdico e efetivo, o trecho de Marília Rothier Cardoso esboça os dilemas que o leitor e o estudioso encontram quando estão diante de uma crônica. De compreensão fugidia, a crônica é a motivação basilar desse projeto que visa investigar a circulação intelectual da tradutora, jornalista, romancista, contista e cronista Dinah Silveira de Queiroz, em jornal específico, o *Correio Braziliense*, mas não só, mapear o principal espaço de publicação no veículo, a Coluna “Recado”, do Segundo Caderno, geralmente, disposta na seção “Variedades”. A recolha, o mapeamento e a organização desse *corpus* são fases e métodos que auxiliam e/ou subsidiam em estudos e na elaboração de materiais de referência, como perfis e catálogos, a respeito do tema, por exemplo. Aqui, o ineditismo da pesquisa se intensifica porque estamos diante de uma crônica inédita em livro³.

Em mais de uma oportunidade, a escritora Dinah Silveira de Queiroz (1911-1982) lamentou o caráter édito de sua crônica (publicada em jornal, mas inédita em livro), especialmente aquela veiculada no Jornal *Correio Braziliense*. Em uma dessas observações, Dinah chega a falar em “cem volumes”, estimativa concreta, afinal de contas, ao longo de uma década, sua presença e colaboração

³ Como ponto de partida para o mapeamento da coluna, estamos utilizando o portal de periódicos da Hemeroteca Digital Brasileira (HDB): <<https://memoria.bn.br/>>.

Building the way

no veículo jornalístico são quase diárias. A parte mais significativa dessa produção encontra-se alocada entre as seções do periódico, na coluna intitulada “Recado”, onde a cronista mantém o diálogo com seus leitores ou, como prefere em alguns momentos, seguidores.

Antes de prosseguirmos com questões específicas que justificam um projeto sobre o gênero “rés-do-chão”, na definição de Candido (1992), em obra consagrada sobre o tema, será necessário um recuo no tempo. Quase como numa crônica, dados históricos, culturais, jornalísticos, políticos e literários narram a relação entre Dinah, o jornal *Correio Braziliense* e nossos interesses na pesquisa em Literatura Brasileira.

A transferência da sede do Ministério das Relações Exteriores do Brasil (MRE), do Rio de Janeiro para Brasília, marcou o ano de 1970. A partir de 20 de abril do corrente, o Itamaraty, como é mais conhecido, deixou as dependências do casarão que homenageia Francisco José da Rocha Leão (1806-1883), o Conde do Itamaraty, e passou a ocupar o Palácio dos Arcos, na recém-inaugurada capital do Brasil, projeto arquitetônico de Oscar Niemeyer (1907-2012), e projetos de cálculo do engenheiro Joaquim Cardozo (1897-1978) que, por vez, contava com Samuel Rawet (1929-1984) na equipe.

Para continuar ocupando posto na equipe diplomática, Dário Moreira de Castro Alves (1927-2010) seguiu esta mudança. Junto a ele, sua esposa, a embaixatriz Dinah Silveira de Queiroz, fixou residência na cidade. Casados desde 1962, os dois só deixariam Brasília em 1979, ano que Alves assumiu o posto de Embaixador do Brasil em Portugal, passando a viver em Lisboa.

No planalto central, em pouco tempo, a “Vila Muralha”, residência construída e batizada em referência a um dos romances mais famosos de Dinah (*A Muralha*), se tornaria um centro catalisador da política, diplomacia, cultura e sociedade brasilienses. Fixando raízes e construindo relações, Dinah estabelece uma colaboração com o *Correio Braziliense*, cuja fundação data de 21 de abril de 1960. Assim, o ano de 1976 registrou a primeira ocorrência, outra palavra cara ao gênero, da coluna que acompanharia Dinah até o final de sua vida. A partir desta edição, nascia, então, a “Recado”.

No popular, o recado é uma mensagem curta, oral ou escrita, que se dirige a terceiros. Pode se constituir de cumprimentos ou recomendações e,

Building the way

atenção, guardar dimensões menos cordiais ou dialogadas, a censura e a repressão.

No movimento de produção e publicação periódica desta parte efusiva de sua obra, Dinah registra e, a seu modo, lamenta o caráter inédito dessa produção quando pensa em livros: “Crônicas, crônicas e mais crônicas. Quantas vezes escrevi? Dariam para trinta, cinquenta, cem volumes? Na verdade, publiquei só um, o *Café da Manhã* hoje esgotado” (Queiroz, 1978a, p.5). A passagem é importante porque sinaliza um equívoco de parte dos estudos críticos que apontam, em vez de um, três coletâneas de crônicas publicadas em vida pela escritora.

Embora Dinah tenha organizado apenas o volume *Café da manhã* (1969), reunindo as crônicas publicadas no carioca *A Manhã*, alguns estudos apontam também as organizações de *Quadrante I* e *Quadrante II* como sendo de Dinah (Coelho, 2002, p. 159-160). De fato, as seletas apenas possuem contribuições da cronista.

Voltando à crônica já citada, de 14 de novembro de 1978, em outro trecho, Dinah se dirige ao leitor: “Há quantos e quantos anos mantenho um diálogo com vocês, meus queridos **seguidores** desta crônica? Precisamente, venho como a presença em palavras, todos os dias, desde meados do ano de 1949” (Queiroz, 1978a, p. 5, grifo nosso). Em duas fontes posteriores, encontramos estimativas estrondosas que ampliam a numerosidade dessa crônica. Na primeira, a orelha de o *Café da manhã* cita “[...] um espantoso volume de quase 9.000 mil crônicas” ([Orelha], 1969, s.p) e, nota-se que, aqui, estamos falando de uma produção anterior à coluna “Recado”. Na segunda, Ana Cristina Steffen afirma que a obra de Dinah é composta por mais de 11 mil crônicas (Steffen, 2021, p. 13), o que não nos parece um absurdo, já que, no lapso a ser pesquisado neste projeto, entre 1976 e 1982, estimamos, por base, em torno de 1300 crônicas.

Para encerrar 1978 e sinalizar os quarenta anos da estreia em livro, afinal a primeira edição do romance *Floradas na serra* é de 1939, Dinah retoma o assunto e reforça seu compromisso com a escrita, com o leitor, destacando outra efeméride, agora para demarcar a sua relação com a crônica: “[...] durante esse largo período jamais faltei a esse nosso encontro diário de trinta anos de

Building the way

amizade” (Queiroz, 1978b, p. 5). Outro pano de fundo para algumas dessas crônicas, muitas em autoelogio discreto, era sua campanha para ingresso na ABL.

Mesmo que não tenha organizado as centenas de livros, Dinah clama por uma organização e por publicações, dirigindo-se, também, à parte da recepção crítica de tais textos. Atendendo ao pedido-ordem, magnetizados pela narrativa cronística, não por acaso, definimos como uma das etapas da presente pesquisa a organização de possíveis volumes. Pesquisadora proeminente de arquivos e bibliotecas, a ponto de construir na “Vila Muralha” o seu acervo de trabalho, Dinah acreditava no gesto investigativo. A certa altura de um de seus recados, alerta sobre a produção do romance histórico: “Para pesquisar, se requer tempo e paciência. E um bom faro, às vezes também sorte, muita sorte!” (Queiroz, 1978c, p.).

Sem prejuízo da análise crítica desse *corpus*, tais organizações, como as antologias, por exemplo, não visam uma defesa ou ataque imediatos aos pontos de vista adotados pela escritora. Reconhecendo a riqueza, vastidão e potencial investigativo desse conjunto, é preciso reconhecer, agora, os fundamentos de uma crônica moderna, fixada a partir da década de 1930, e que encontra seus expoentes em Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e, claro, Rubem Braga (com obra cronística em sua quase totalidade) (Candido, 1992, p. 17). Ao estudar tais crônicas, para além do sentido inicial de cronologia, é preciso que estejamos atentos ao fato de que “[...] na virada do século XIX para o XX, sem perder seu caráter de narrativa e registro, [a crônica] incorpora uma qualidade moderna: à do lugar reconhecido à subjetividade do narrador” (Neves, 1992, p. 82).

Estreando na crônica na metade da década de 1940, Dinah é uma das poucas mulheres a ocupar lugar de destaque nesse campo, e isso segue até hoje, em uma generalização apriorística. Dividindo espaço, talvez, com Raquel de Queiroz (1910-2003), prima do seu primeiro esposo, Narcélio Queiroz, jurista e literato, Dinah escreve sob o signo de uma crônica que abre espaço para a subjetividade do narrador ou, melhor, da narradora. Assim, não ficarão de fora dessa produção temas caros à herdeira de família quatrocentona, educada entre livros, de religião e fé católicas, como as mudanças de costume, o advento

Building the way

do feminismo, a inserção da mulher no mercado de trabalho, para não estendermos a lista. É preciso lembrar que: “Ao tematizar o sentido comum, a crônica é, para um universo restrito, mas qualificado, o que não é indiferente numa sociedade marcada pela hierarquia e diferenciação, a agência de conformação da opinião pública” (Neves, 1992, p. 90). A pesquisa fornecerá argumentos para que estabeleçamos os limites e condições dessa atuação que é artística, mas também política. Não significa, porém, que a culpa pelo que se encontra ali, no texto, seja do gênero, como deseja Sodré via crítica de Meyer (1992).

Para além das bandeiras mais ideológicas e das pautas morais, por assim dizer, parte da crônica de Dinah servirá de paratexto (Genette, 2009) à sua própria obra: em menções sutis e indiretas, citações de trechos mais longos de romances e anúncios de publicações no prelo, já disponíveis nas livrarias, ou mesmo futuras. Sem falar na autolouvação, charmosa até, por meio da lembrança de nomes da crítica que receberam tal romance de maneira benevolente, a cronista vai ditando aos leitores e críticos como deve ser lida. Afinal de contas, assegura, Dinah: “[...] de anúncio em nosso mundo todos vivem” (Queiroz, 1978a, p. 5).

O perfil elaborado por Bastos (2014) destaca as faces romancista e contista de Dinah, deixando de fora um comentário mais longo sobre a cronista. Ao homenagear os setenta anos de Octávio Faria, a própria Dinah parece separar a produção da crônica com a da literatura, com o ofício mais sério do “rol dos escritores” (Queiroz, 1978c, p. 5). Alertamos, porém, que a crônica sempre foi espaço convidativo para a galhofa, a zombaria e a ironia.

De obra vastíssima, surpreende-nos o escasso número de estudos que contemplam a produção literária de Dinah, o que se acentua quando se trata da crônica. Mesmo os leitores e críticos mais contumazes privilegiam o romance e, quando muito, o conto/novela. Em comentário raro sobre a coluna, o principal *corpus* do nosso projeto, Almeida Fischer, apenas alerta: “Dinah Silveira de Queiroz publicou no *Correio Braziliense* centenas de crônicas sobre a vida na cidade nova” (Fischer, 1983, p. 172). Em nosso caso, a falta de atenção da recepção crítica se reverte em argumento pró leitura, pesquisa e divulgação desse material.

Building the way

A escassez dos estudos da crônica de Dinah Silveira de Queiróz segue um lugar comum nos estudos literários: trata-se de gênero popular, mas pouco estudado⁴. Ainda assim, é nele que a escritora estreita os laços com seus leitores e amigos, utilizando o espaço jornalístico, meio habitual para essa produção, para diversos fins, mesmo porque, na constituição da crônica, há o contato com outros gêneros: cartas, relato de viagem, crônica histórica, charge, fotografia etc.⁵ Para além do refinamento intelectual, do ar cerimonioso e diplomático, das referências a lugares e nomes estrangeiros, Dinah adota nas crônicas certo “[...] tom menor de coisa familiar [...]”, como definiu Candido (1992, p. 17).

Mesmo quando, na intimidade, enfrentava o agravamento do câncer; em público, nas páginas do *Correio Braziliense*, seguia com suas crônicas e em diálogo com seus leitores, quase que diariamente. Além do número de publicações dedicado à crônica, outro equívoco curioso a respeito de Dinah é o local de sua morte, a cidade de São Paulo em vez de Rio Janeiro. Essa ressalva é necessária porque, a partir do momento que inaugurou a coluna “Recado”, a cronista escreveu de e/ou sobre todas as cidades que esteve, até três dias antes de falecer⁶.

Parte desse exercício de pesquisa se constitui, igualmente, em definirmos as faces dessa crônica de Dinah, algo complexo, mas não impossível diante das definições encontradas na própria obra. Tais faces poderão, a seu tempo, possibilitar a leitura de outras camadas dessa produção intelectual.

Diante da obra romanesca extensa e premiada de Queiroz, a pesquisa não se dissocia daquilo que Marlyse Meyer aponta como esses outros textos:

⁴ O Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES só registra um estudo específico sobre a crônica de Dinah, a tese de doutorado de Cláudia Albuquerque Thomé, *Literatura de ouvido - Crônicas de Dinah Silveira de Queiroz e de Giuseppe Ghiaroni no rádio brasileiro de 1951 a 1964* (2012).

⁵ Em estudos anteriores, constato, por exemplo, a importância e o fascínio exercidos por Dinah em uma geração de escritores de suas relações, conhecida como Geração Café da Manhã e, de maneira específica, em Samuel Rawet, o engenheiro de cálculo citado, agora, introduzido como cronista e contista novato (Gonçalves, 2022; 2023).

⁶ Coelho (2002, p. 159) menciona a cidade de São Paulo como local de falecimento de Dinah.

Cães vadios. livres farejadores do cotidiano, batizados com outro nome vale-tudo: a crônica. Cães sem dono, também, que são na maior parte anônimos ou assinados com iniciais. Envergonhados, quem sabe, de um escrito que não se enquadra propriamente num gênero, que é quase uma fala, coisa de casa, useira e vezeira, literatura de pé de chinelo. O que não é pejorativo [...]” (Meyer, 1992, p. 128).

As imagens de Meyer expõem a complexidade de definição seguida pela variedade dos textos publicados em folhetins (a parte do jornal), mencionando a numerosa produção de nossos cronistas pioneiros e/ou mais originais, grupo do qual Dinah Silveira de Queiroz, decididamente, faz parte.

Considerações finais

Aceitando o volume e a complexidade dessa produção, o projeto se justifica a partir de premissa básica: em seus movimentos, obras, nomes e fontes, a Literatura Brasileira é campo rico, vasto e diverso para a pesquisa. Os pontos de partida para a investigação em torno da presença de Dinah no jornal *Correio Braziliense*, de modo geral; e, o mapeamento da coluna “Recado”, praticamente ignorada no âmbito da recepção crítica e dos estudos acadêmicos, de modo específico, confirmam a afirmativa. A leitura cruzada entre obra e circulação intelectual no período de publicação (e vice-e-versa), contempla outra premissa, agora, sobre o gênero: “[...] existe na crônica uma contaminação do texto pelo seu veículo” (Resende, 1992, p. 420).

Nesse caso, o chamamento à pesquisa se intensifica porque, mesmo sendo imortal da ABL, romancista celebrada por pares, figura central na cultura, de grande apelo midiático e diplomático, de inserções políticas em governos distintos e de vários momentos da História do Brasil, Dinah Silveira de Queiroz possui uma produção extensa a ser lida, estudada e, em muitos exemplos, publicada. Prioritariamente, reafirmamos que a proposta é uma defesa da pesquisa em Literatura Brasileira e os dados iniciais sinalizam novas possibilidades de interpretação desse nome e de sua obra, ambos canônicos, especialmente, a cronística.

BASTOS, Alcmeno. **Dinah Silveira de Queiroz**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de SP, São Paulo, 2014. (Série Essencial; 83).

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: CANDIDO, Antonio [et al.]. **A crônica**: O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Fundação Casa de Rui Barbosa. Campinas: Ed da Unicamp, 1992, p. 13-22.

188

CARDOSO, Marília Rothier. Moda da crônica: frívola e cruel. In: CANDIDO, Antonio [et al.]. **A crônica**: O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Fundação Casa de Rui Barbosa. Campinas: Ed da Unicamp, 1992, p. 133-151.

COELHO, Nelly Novaes. Dinah Silveira de Queiroz. In: COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário crítico de escritoras brasileiras (1711-2001)**. São Paulo: Escrituras Editora, 2002, p. 159-160.

DESDE 1945, vem Dinah Silveira de Queiroz. In: QUEIROZ, Dinah Silveira de. **Café da manhã**. Rio de Janeiro: Olivé Editor, [1969], p. 9. [Orelha].

FISCHER, Almeida. A literatura de Brasília. In: FISCHER, Almeida. **O áspero ofício**: 5ª série. Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília: INL, 1983, p. 147-174.

GENETTE, Gérard. **Paratextos editoriais**. Tradução Álvaro Faleiros. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009. [Artes do Livro: 7].

GONÇALVES, Luciano de Jesus. **“Picado pelo micróbio do teatro”**: as variações do crítico em Samuel Rawet. São Paulo. 2022. 263 p. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

GONÇALVES, Luciano de Jesus. Samuel Rawet, um irmão mais novo de Dinah Silveira de Queiroz. In: MELO, Samuel Carlos.; FELIZARDO, Alexandre Bonafim. (Org.); ANDRADE, E. C. (Org.); PINHEIRO NETO, José Elias. (Org.). **Literatura e interculturalidade**: tessituras possíveis (impresso). 01. ed. São Paulo - SP: Editora Todas as Musas (impresso), 2023, p. 97-117.

MENEZES, Raimundo de. Dinah Silveira de Queirós (sic). IN: MENEZES, Raimundo de. **Dicionário literário brasileiro**. 2. edição revista, aumentada e atualizada. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978, p. 555.

MEYER, Marlyse. Voláteis e versáteis. De variedades e folhetins se fez a *chronica*. In: CANDIDO, Antonio [et al.]. **A crônica**: O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Fundação Casa de Rui Barbosa. Campinas: Ed da Unicamp, 1992, p. 93-133.

Building the way

NEVES, Margarida de Souza. Uma escrita do tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas. In: CANDIDO, Antonio [et al.]. **A crônica: O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Fundação Casa de Rui Barbosa. Campinas: Ed da Unicamp, 1992, p. 75-92.

PEREZ, Renard. Dinah Silveira de Queiroz. IN: PEREZ, Renard. **Escritores brasileiros contemporâneos**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1960. p. 113-126.

PEREZ, Renard. Dinah Silveira de Queiroz. IN: PEREZ, Renard. **Escritores brasileiros contemporâneos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1970. p. 109-123. [1 série]

RESENDE, Beatriz. Em caso de desespero, não trabalhem. A política na crônica de Machado de Assis. In: CANDIDO, Antonio [et al.]. **A crônica: O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Fundação Casa de Rui Barbosa. Campinas: Ed da Unicamp, 1992, p. 419-435.

QUEIROZ, Dinah Silveira. Feminino, plural. **Correio Braziliense**, Brasília, 20 out. 1978a. Recado. Disponível em < <http://memoria.bn.br> > Acesso em 26 fev. 2024.

QUEIROZ, Dinah Silveira. Tentações do fim do ano. **Correio Braziliense**, Brasília, 12 dez. 1978b, p. 5. [Recado. Segundo Caderno]. Disponível em: <http://memoria.bn.br>. Acesso em: 06 maio 2019.

QUEIROZ, Dinah Silveira. Octávio de Faria - na força dos setenta. **Correio Braziliense**, Brasília, 28 out. 1978c, p. 5. [Recado. Segundo Caderno]. Disponível em: <http://memoria.bn.br>. Acesso em: 06 maio 2019.

QUEIROZ, Dinah Silveira de. **Café da manhã**. Rio de Janeiro: Olivé Editor, [1969], p. 9. Dedicatória.

STEFFEN, Ana Cristina. Dinah Silveira de Queiroz: uma trajetória pelas páginas da imprensa. **Letras em Revista**, [S.l.], v. 11, n. 2, abr. 2021. ISSN 2318-1788. Disponível em: <https://ojs.uespi.br/index.php/ler/article/view/348>. Acesso em: 24 fev. 2024.

THOMÉ, Cláudia de Albuquerque. **Literatura de ouvido** - Crônicas de Dinah Silveira de Queiroz e de Giuseppe Ghiaroni no rádio brasileiro de 1951 a 1964. Rio de Janeiro. 2112. 303p. Tese. (Doutorado em Ciência da Literatura). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.